

O GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS: aplicação nos livros didáticos¹

Tairine Queiroz de Souza Lima², Eliane Marquez da Fonseca Fernandes³

Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, CEP - 74001-970, Brasil

E-mail: tairinequeiroz@gmail.com; elianemarquez@uol.com.br

PALAVRAS-CHAVE: HQs, livros didáticos, Língua Portuguesa, instrumento pedagógico.

INTRODUÇÃO

O presente estudo busca investigar a aplicação do gênero história em quadrinhos nos livros didáticos a partir das posturas teóricas da Análise do Discurso, tomando como *corpus* histórias em quadrinhos de livros didáticos de Língua Portuguesa do ensino médio, adotados em escolas de Goiânia.

Vivemos uma realidade na qual o cotidiano de crianças e adolescentes é cada vez mais visual e povoado com uma linguagem midiática e inovações tecnológicas, as quais produzem profundas transformações nas subjetividades e nas identidades. Para Fernando Hernandez (2000), na obra “Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho”, estas mudanças repercutem na educação. É necessário estudar o universo visual com o qual crianças e adolescentes se relacionam. De acordo com Franz (2003) em “Para ler e entender videogames”, as imagens presentes nas horas de lazer, constroem visões sobre a realidade, transmitem valores e crenças e modificam a maneira de crianças e adolescentes pensarem e atuarem no mundo.

Segundo Flávio Calazans (2004) no estudo “História em quadrinhos na escola” as Histórias em Quadrinhos (HQs), como um recurso de apoio didático, nos permitem abordar conteúdos e conceitos em qualquer área e nível de aprendizagem por tratar-se de um material comumente acessado pelos alunos para entretenimento e lazer, não encontrando, portanto, resistência por parte deles. Por isso, há a necessidade de verificar a aplicação das histórias em quadrinhos nos livros didáticos, um instrumento para a prática educativa.

O estudo acerca do gênero discursivo constrói a oportunidade de compreender melhor as estratégias linguísticas e as discursivas. Entende-se que o aprofundamento nas

¹ Revisado pela orientadora.

² Orientada.

³ Orientadora.

investigações sobre a presente pesquisa possibilite uma fundamentação que conduza a ações mais efetivas no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa.

O interesse pelo estudo do gênero história em quadrinhos ocorreu em virtude de pesquisa pessoal sobre os gêneros discursivos na produção de texto, após verificar que as histórias em quadrinhos são negligenciadas nos livros didáticos, e também pela participação no grupo de estudo *CRIARCONTEXTO: estudos do texto e do discurso* desenvolvido pela orientadora. A mesma vem desenvolvendo, há vários anos, um trabalho de ensino-aprendizagem das atividades de produção e criação de textos no Ensino Básico. Desde o ano de 1992, quando iniciou suas atividades na Universidade Federal de Goiás – UFG, envolve-se em atividades de ensino, pesquisa e extensão sobre o assunto.

2 OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar e descrever a aplicação do gênero história em quadrinhos nos livros didáticos.

Objetivos específicos

- aprimorar os estudos acerca das teorias sobre o texto e o discurso;
- aplicar os dispositivos teóricos da Análise do Discurso no texto história em quadrinhos;
- analisar a importância e os benefícios que este meio de comunicação de massa pode trazer para educação, ao serem inseridos como instrumento pedagógico na escola através dos livros didáticos.
- levantar algumas sugestões metodológicas de uso desse gênero na sala de aula que contribuam para o trabalho docente no Ensino Básico;
- compartilhar os resultados do estudo com a comunidade científica e com professores do Ensino Básico.

3 METODOLOGIA

Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, foram realizadas investigações acerca da Análise do Discurso, tomando como *corpus* os enunciados da história em

quadrinhos de livros didáticos de Língua Portuguesa do ensino médio, adotados em escolas de Goiânia.

Os livros didáticos a serem analisados são nove: *Gramática - Texto*: análise e construção de sentido - volume único - Editora Moderna (ABAURRE; PONTARA, 2006); *Produção de texto*: interlocução e gêneros - volume único - Editora Moderna (ABAURRE; ABAURRE, 2007); *Português: linguagens* - 3 volumes - Atual Editora (CEREJA; MAGALHÃES, 2005); *Novas Palavras* - 3 volumes - Editora FTD (AMARAL e *et al*, 2005) e *Português: Projetos* - volume único - Editora Ática (FARACO; MOURA, 2005).

Tendo em vista as posturas de Bakhtin (2003) sobre gêneros do discurso e diversos autores que utilizam os quadrinhos como objeto de estudo em suas pesquisas científicas (CALAZANS, 2004; CIRNE, 1970; EISNER, 1999; MENDONÇA, 2002; MOYA, 1993; VERGUEIRO e RAMOS, 2009), procuramos responder às seguintes questões: Como o gênero história em quadrinhos é aplicado nos livros didáticos? Os autores têm aplicado esta arte sequencial no estímulo ao estudante? O gênero história em quadrinhos dá apoio ao trabalho do professor? As HQs são mecanismos para o processo de ensino e aprendizagem do aluno? Além disso, observamos se todos os gêneros discursivos surgem da proposta de uma prática, ao mesmo tempo individual e coletiva.

O projeto foi dividido em três partes. Na primeira, procedemos a uma retomada da abordagem da noção de gênero discursivo de Bakhtin, devido tanto à importância de sua teoria nos estudos recentes sobre gênero em linguística aplicada, como a sua influência na definição de gênero presente nos PCNs, estudamos também autores que utilizam os quadrinhos como objeto de estudo em suas pesquisas científicas como: CALAZANS; CIRNE; EISNER; MENDONÇA; MOYA; VERGUEIRO e RAMOS, e revisamos a literatura sobre a abordagem do gênero história em quadrinhos na escola e sobre a importância do estudo de gênero. Na segunda parte fizemos o levantamento e a análise dos enunciados das histórias em quadrinhos de livros didáticos adotados em escolas de Goiânia, e na última buscamos levantar algumas sugestões metodológicas de uso dos quadrinhos na sala de aula que contribuam para o trabalho docente no Ensino Básico e resgatar nossos objetivos iniciais respondendo às questões colocadas pelo estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Gênero Discursivo

Para Bakhtin (2003), em “A estética da criação verbal”, os gêneros do discurso resultam em formas-padrão “relativamente estáveis” de um enunciado, determinadas sócio-historicamente. O autor explica que só nos comunicamos, falamos e escrevemos, através de gêneros do discurso. Os sujeitos tem um infindável repertório de gêneros e, muitas das vezes, nem se dão conta disso. Até na conversa mais informal, o discurso é moldado pelo gênero em uso. Tais gêneros nos são dados, conforme Bakhtin (2003, p.282), “quase da mesma forma que nos é dada à língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo teórico da gramática”.

A concepção de gênero de Bakhtin (2003) leva em consideração aspectos da interação e as condições sócio-históricas de produção da linguagem. No estudo “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, Bakhtin/Volochinov (1995) entendem a linguagem, em seus aspectos discursivos e enunciativos, como atividade sócio-histórica que privilegia a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua.

Assim, compreende-se que, mais do que nunca, a escola deve formar cidadãos que compreendam o papel da linguagem em todas as esferas e instâncias sociais e que entendam a relação língua-discurso-ideologia, percebendo a primeira como produtora de sentidos por/para sujeitos discursivos. Como afirma Bakhtin (2003, p. 265) “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”.

Desta forma, parte-se do princípio de que a comunicação verbal somente é possível por algum gênero discursivo, denominado como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN 2003, p. 262). É no contexto sócio interativo da comunicação que os gêneros se constituem como ações sócio discursivas para agir sobre o mundo e dizê-lo, constituindo-o de algum modo.

Segundo Luiz Antônio Marcuschi (2008), em “Produção textual, análise de gêneros e compreensão”, o estudo dos gêneros textuais não são recentes, mas estão na moda. Suas pesquisas tratam dos gêneros textuais que iniciam-se em Platão, e aponta que “toda manifestação verbal se dá por meio de textos realizados em algum gênero”. Ainda de acordo com o referido autor (p. 154), “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações particulares”.

Em uma situação de interação típica da comunicação discursiva de determinada esfera social, a escolha do gênero não é inteiramente espontânea, pois considera um conjunto de restrições dadas pela própria situação de interação verbal: *quem fala, sobre o que fala, com quem fala, como fala, com qual finalidade*. Todos esses elementos determinam as escolhas do

locutor, que, tendo ou não consciência, decide utilizar o gênero mais adequado àquela situação. Esses elementos compõem gêneros discursivos caracterizados por três dimensões essenciais indissociáveis: o *tema*, a *forma composicional* e o *estilo*.

A produção de discursos não acontece no vazio. Todo texto se organiza dentro de um determinado gênero. Bakhtin (2003) chega à definição de gênero apresentada nos PCNs, tipos relativamente estáveis de enunciados disponíveis na cultura, partindo da verificação de que todas as esferas da atividade humana estão relacionadas com a utilização da língua. Essa utilização se dá em forma de enunciados, os quais, por sua vez, “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo” (BAKHTIN, 2003, p. 261) tanto por seu conteúdo quanto por seu estilo verbal como por sua construção composicional. Assim, o tema, o estilo e a construção composicional formam um tipo característico de enunciado dentro de um dado espaço de comunicação, e é por isso que tipos estáveis de enunciado caracterizam gêneros do discurso.

Schneuwly e Dolz (1997), em “Gêneros orais e escritos na escola” entendem que, para ensinar um gênero textual aos alunos, em primeiro lugar, deve-se levá-los a dominar o gênero, para melhor conhecê-lo e compreendê-lo e assim produzi-lo na escola e fora dela. Em segundo lugar, é preciso desenvolver capacidades que ultrapassem o gênero e que possam ser transferidas para outros gêneros.

Nesse sentido, o professor precisa ficar atento ao que acontece à sua volta, às suas experiências e às dos alunos, para dividir e aprender com eles sobre os gêneros que estão sendo utilizados na sociedade, sob os mais variados contextos. Portanto, cabe ao professor desenvolver atividades que promovam o conhecimento de gêneros estabelecidos socialmente e na comunidade discursiva do aluno, através de exercícios de análise e de reconhecimento das características comunicativas e formais de cada um, ressaltando seus efeitos comunicativos, em função dos interlocutores nas situações reais de comunicação.

Os PCNs sugerem como metodologia para o ensino de Língua Portuguesa, partir de atividades que impliquem o uso da língua, como produção e compreensão de textos orais e escritos nos mais variados gêneros discursivos/textuais, seguidas de atividades de *reflexão* sobre a língua e a linguagem a fim de que o aluno aperfeiçoe o *uso*. No entanto, ainda é uma realidade pouco comum, principalmente na escola pública, o professor conceber e trabalhar a Língua Portuguesa numa perspectiva enunciativo/discursiva, observando as necessidades de aprendizagem de seus alunos. O mais comum na escola, de acordo com Rojo (2000), em “A prática de linguagem em sala de aula praticando os PCNs”, é um profissional que estrutura seu trabalho a partir do livro didático.

Atualmente, os professores dispõem do livro didático como apoio para a sua prática pedagógica e, na maioria desses livros, constam propostas de atividades orientadas pela concepção de gênero textual. São vários gêneros presentes nos livros didáticos, como as propagandas, as histórias em quadrinhos, as entrevistas, as cartas, as notícias, dentre outros.

4.2 O Gênero História em Quadrinhos

Para Will Eisner (2001), em “Quadrinhos e arte sequencial”, as histórias em quadrinhos (HQs) tiveram início nas pinturas rupestres. Podemos encontrar rudimentos das HQs na arte pré-histórica, mas de acordo com Leila Iannone e Roberto Iannone (1994), em “O mundo das histórias em quadrinhos”, os precursores desse gênero surgiram apenas na Europa, no século XIX, com as histórias contadas em imagens de Wilhelm Bush e Rudolph Topffer. Criando assim, o formato original das histórias em quadrinhos ao fazerem uso de elementos como os quadros e pequenos textos. Porém, o primeiro herói de histórias em quadrinhos surgiu no final do século XIX com *Menino Amarelo (Yellow Kid)*, desenhado por Richard Outcault, personagem este que viria estrelar o que muitos consideraram como sendo as primeiras histórias em quadrinhos.

Will Eisner (2001, p.38) faz uso do termo arte sequencial para descrever as histórias em quadrinhos. Para Eisner a função fundamental da arte dos quadrinhos é:

comunicar ideias e/ou histórias por meio de palavras e figuras, envolve o movimento de certas imagens (tais como pessoas e coisas) no espaço. Para lidar com a captura ou encapsulamento desses eventos no fluxo da narrativa, eles devem ser decompostos em segmentos sequenciados. Esses segmentos são chamados de quadrinhos.

Segundo Mendonça (2002), as HQs surgiram na periodicidade dos jornais e foram ganhando espaço na mídia e passaram a figurar em publicações especializadas, os gibis. Os gibis reúnem HQs privilegiando as narrativas longas em detrimento das tiras. Fora dos gibis, o subtipo tira em quadrinhos predomina em jornais e revistas, podemos encontrar histórias mais longas com tiras fechadas por economia de espaço. Gêneros afins aos quadrinhos, como a charge e o cartum, também são bastante comuns nos periódicos de circulação diária, semanal ou mensal. Enfim, na mídia escrita, a regra é a diversidade e formatos para as HQs. O sucesso de público é que determina a permanência ou a exclusão da HQ nesses veículos.

No Brasil, consideramos como data de surgimento dos quadrinhos o dia 30 de janeiro de 1879, data da primeira publicação do personagem Nhô Quim, de Ângelo Agostini, na revista *Vida Fluminense*. Nesta data comemora-se o dia do quadrinho brasileiro.

De acordo com Márcia Rodrigues de Souza Mendonça (2002), em “Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos”, o gênero das HQs são facilmente identificáveis devido à peculiaridade dos quadros, dos desenhos e dos balões e seu gênero revela-se um pouco complexo no que se trata de funcionamento discursivo devido a multiplicidade de enfoques possíveis.

Uma definição de história em quadrinhos é apresentada por Moacyr Cirne (1970, p. 23-24), em “A explosão criativa dos quadrinhos”: *“Quadrinhos são uma narrativa gráfico-visual, impulsionada por sucessivos cortes, cortes esses que agenciam imagens rabiscadas, desenhadas e/ou pintadas”*. No roteiro de uma HQ, cada quadrinho atua como se fosse uma frase, cada sequência é como um parágrafo e cada página como um capítulo, que, se for finalizada com suspense, faz com que o leitor queira continuar a leitura.

Para Flávio Calazans (2005), em “História em quadrinhos na escola”, a história em quadrinhos (HQs) é uma forma de expressão tecnológica típica da indústria cultural. Segundo Calazans (2005, p. 7) a história em quadrinhos *“permite que seus autores expressem questões científicas, filosóficas e artísticas sem patrulhamento, e, por ser também uma forma de entretenimento e lazer não encontra resistências por parte dos alunos”*.

Neste estudo, seguimos a linha teórica trabalhada por Mendonça (2002) e Ramos (2009) que os quadrinhos como um grande rótulo que abriga diferentes gêneros. Podem ser agregados dentro desse hipergênero as tiras, o cartum, a charge e a história em quadrinhos propriamente dita (apresentada com mais quadrinhos, formando sequencias narrativas).

De acordo com o tipo textual, pode-se observar que as HQs são do tipo narrativo, devido à predominância da sequência na maioria dos casos, existe ainda uma seleção dos quadros a serem sequenciados, o que demanda um trabalho cognitivo maior por parte do leitor, de modo a preencher as lacunas e reconstruir o fluxo narrativo. As HQs realizam-se por meio escrito buscando produzir a fala através de balões com presença constante de interjeições, reduções vocabulares, etc. As HQs situam-se em uma verdadeira “constelação” de gêneros não-verbais. O cartum e a HQs diferenciam-se dos demais, pois ambos compõem-se de um ou mais quadrinhos com uma sequência narrativa, sendo opcional para o cartum mas obrigatória para a HQs. Da HQs, surgiram as tiras que são um subtipo da HQs, porém mais curtas e com caráter sintético envolvendo temáticas que satirizam aspectos econômicos e políticos do país.

4.3 HQs na Escola e nos Livros Didáticos

As histórias em quadrinhos embora sejam aceitas como objeto de leitura fora das salas de aula ainda não incorporaram o elenco de textos com que a escola trabalha. Para Eisner (2001), as razões para isso teriam relação com o uso e a temática das HQs.

Para Waldomiro Vergueiro e Ângela Rama (2008), em “Como usar histórias em quadrinhos em sala de aula”:

a inclusão das histórias em quadrinhos na sala de aula não é objeto de qualquer tipo de rejeição por parte dos estudantes, que, em geral, as recebem de forma entusiasmada, sentindo-se, com sua utilização, propensos a uma participação mais ativa nas atividades de aula. As histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico (RAMA e VERGUEIRO, 2008, p.21).

De acordo com Mendonça (2002), os jovens são tarjados de “não leitores”, e mostram-se o contrário quando se tratam de determinados objetos de leitura, já que os jovens são ótimos leitores e assíduos em tramas com diversos personagens, heróis ou anti-heróis montados através de quadrinização e que ganham a preferência da maioria.

Segundo uma pesquisa de Serpa e Alencar publicada em 1988, na revista Nova Escola, os alunos gostam mais de ler quadrinhos do que qualquer outro tipo de gênero e que *“todo professor sabe que as HQs seduzem os leitores, proporcionando uma leitura prazerosa e espontânea”* (CALAZANS, 2005, p. 10). Esta pesquisa mostra várias experiências em que as HQs são usadas como um recurso de apoio para o ensino. As tentativas apresentadas neste estudo de Serpa e Alencar evidenciam que as HQs podem ser empregadas em todos os níveis de aprendizado, desde a fase de alfabetização até o ensino universitário.

Conforme Flávio Calazans (2005), as HQs como um recurso de apoio didático, nos permitem abordar conteúdos e conceitos em qualquer área e nível de aprendizagem por tratar-se de um material comumente acessado pelos alunos para entretenimento e lazer, não encontrando, portanto, resistência por parte deles. As HQs são acessíveis não somente aos adultos com baixo grau de letramento, mas também as crianças em fase de aquisição de escrita, que podem apoiar-se nos desenhos para produzir sentido. Esses fatores contribuem não somente para conquistar a preferência dos leitores, como também para incrementar a fluência da leitura.

O gênero história em quadrinhos vem sendo utilizado em livros didáticos há três décadas. Artistas e pedagogos unem-se para aproveitar as possibilidades técnicas, narrativas e expressivas dos quadrinhos no que tange à disseminação mais eficiente de conhecimento. Entretanto, Sonia Bibe Luyten (1984), em “Histórias em Quadrinhos” adverte que, pelo caráter comercial de muitos livros didáticos, ocorrem deturpações. De acordo com a pesquisadora de

quadrinhos, os erros mais comuns nas obras didáticas que fazem uso das HQs são: quadrinhos com excesso de texto e imagens muito chamativas em detrimento do conteúdo. Segundo Luyten (1984, p. 88-89) “há livros que, apenas para vender mais, inserem alguns elementos de quadrinhos (balões ou onomatopeias) em velhas imagens conhecidas”. Ainda a estudiosa afirma que “quando a quadrinização é mal feita, a imagem pode transmitir figuras deturpadas, gerar estereótipos, conotações ideológicas, ou seja, interpretações errôneas dos acontecimentos”. Apesar de tudo, as HQs quando bem utilizadas podem ser aliadas do ensino.

Cabe ao professor estudar atentamente o material quadrinizado disponível e improvisar o emprego das revistas em seus objetivos didáticos e na proposta pedagógica da escola. Os limites do emprego de HQ em sala de aula são os limites da criatividade de cada professor. O educador de posse do material poderá motivar os alunos à produção de quadrinhos, assim, os alunos passam de meros consumidores a autores e atores de suas próprias histórias de vidas, e isso ajudará os professores a detectarem os problemas e proporem soluções.

4.4 Aplicação das HQs nos Livros Didáticos

O presente estudo selecionou livros didáticos de português (LDPs) que estão entre as coleções mais adotadas. Os exemplares analisados estão em uso nas diversas instituições de ensino, no corrente ano de 2011.

No que diz respeito à análise das coleções, levantamos a frequência da utilização das histórias em quadrinhos, como também verificamos a forma como este material está sendo utilizado pelos autores.

Os quadros abaixo mostram a frequência do gênero histórias em quadrinhos, nacionais e estrangeiras, encontradas nas coleções analisadas.

Gênero	Nacionais	Estrangeiras	Total
Tiras	109	156	265
Charges	-	1	1
Cartuns	14	5	19
HQ	1	-	1
Total	124	162	286

Tabela 1: Quantitativo de HQs estrangeiras e nacionais encontradas no livro didático: *Gramática - Texto: análise e construção de sentido - volume único - Editota Moderna (ABAURRE; PONTARA, 2006).*

Gênero	Nacionais	Estrangeiras	Total
Tiras	3	11	14
Charges	10	1	11
Cartuns	1	-	1
HQ	-	-	-
Total	14	12	26

Tabela 2: Quantitativo de HQs estrangeiras e nacionais encontradas no livro didático: *Produção de texto: interlocução e gêneros* - volume único - Editora Moderna (ABAURRE; ABAURRE, 2007).

Gênero	Nacionais	Estrangeiras	Total
Tiras	140	26	166
Charges	2	-	2
Cartuns	15	2	17
HQ	3	1	4
Total	160	29	189

Tabela 3: Quantitativo de HQs estrangeiras e nacionais encontradas nos livros didáticos: *Português: linguagens* - Vol. 1, 2 e 3 - Atual Editora (CEREJA; MAGALHÃES, 2005).

Gênero	Nacionais	Estrangeiras	Total
Tiras	13	16	29
Charges	8	-	8
Cartuns	-	-	-
HQ	-	-	-
Total	21	16	37

Tabela 4: Quantitativo de HQs estrangeiras e nacionais encontradas nos livros didáticos: *Novas Palavras* - Vol. 1, 2 e 3 - Editora FTD (AMARAL e *et al*, 2005).

Gênero	Nacionais	Estrangeiras	Total
Tiras	3	3	6
Charges	1	-	1
Cartuns	4	2	6
HQ	-	-	-
Total	8	5	13

Tabela 5: Quantitativo de HQs estrangeiras e nacionais encontradas nos livros didáticos: *Português: Projetos - volume único - Editora Ática (FARACO; MOURA, 2005).*

No que diz respeito à utilização das HQs nos volumes analisados, os dados dos quadros acima nos mostram que os autores (ABAURRE; PONTARA e CEREJA; MAGALHÃES), utilizam uma quantidade maior de HQs em relação aos outros autores. Em relação à utilização de HQs estrangeiras, pode-se verificar que as autoras ABAURRE e PONTARA as utilizam em número “maior” que os demais autores das coleções, que fazem mais uso das HQs nacionais. É perceptível que os autores dos LDPs tem uma preferência pelo gênero tira. Isto pode ser devido ao fato do gênero ser atemporal.

Ao analisar os livros pode-se verificar que há falhas na abordagem metodológica no material de apoio didático que precisam ser sanadas. De acordo com Neves (2000 *apud* MENDONÇA, 2002, p. 203), “a exploração dos quadrinhos nos LDPs é pobre, limitando-se, na maioria das vezes, à utilização desse gênero como pretexto para exercícios de metalinguagem, do tipo *Classifique o pronome usado no 2º quadrinho*”.

Verificamos que os autores dos livros das tabelas 1, 3 e 4 utilizam os quadrinhos, principalmente, para introduzirem conceitos, ou seja, para explicarem o conteúdo da unidade em questão. Isso ocorre de forma bem clara na parte relacionada à gramática. O mesmo não ocorre de forma significativa com os autores dos livros das tabelas 2 e 5, porque o livro da tabela 2 é destinado à produção textual e o da tabela 5 não apresenta uma seção gramatical específica para cada unidade e sim um apêndice gramatical no fim do livro.

O livro *Produção de texto: interlocução e gêneros* (ABAURRE; ABAURRE, 2007); é o único que aborda o gênero história em quadrinhos de forma mais significativa, levando em consideração sua funcionalidade e sua aplicação útil, além de vê-lo como instrumento de interação social. No capítulo 3 denominado *Os gêneros do discurso* as autoras exploram o gênero charge, e fazem com que os alunos reconheçam suas características e dominem os recursos que o permitem produzir o gênero. Na seção especial deste capítulo *Procedimentos de leitura II: como ler nas entrelinhas*, as autoras analisam diversas tiras, situam o leitor em relação as personagens e explicam como se deve proceder a leitura em cada uma delas. Além disso, evidenciam a impotência de reconhecer pressupostos e implícitos, ser capaz de fazer inferências e de estabelecer relações intertextuais.

Na maioria dos LDPs, ao proporem os exercícios, os autores não permitem uma leitura pela qual o aluno perceba o humor, a crítica dos quadrinhos. Não apresentam os personagens e nem fornecem dicas sobre uma possível leitura. As vezes o gênero é uma simples

proposta como motivação para produção textual ou simplesmente os autores pedem que o aluno identifique um elemento das classes gramaticais destacado no(s) quadrinho(s). Os quadrinhos, geralmente são um pretexto para um exercício de gramática. Desta forma, se não houver uma intervenção do professor, não serão identificadas as características do gênero e nem haverá uma leitura satisfatória do mesmo.

Neste trabalho observamos que todos os gêneros discursivos surgem da proposta de uma prática, ao mesmo tempo individual e coletiva de acordo com Bakhtin (2003). Também verificamos que a maioria dos autores tem aplicado esta arte sequencial no estímulo ao estudante, pois o gênero história em quadrinhos atrai o aluno, os seduzem, proporcionando uma leitura prazerosa e espontânea. O uso de quadrinhos por autores de livros didáticos para articular conteúdos curriculares pode ser considerada uma proposta para que professores possam orientar suas atividades sob uma perspectiva construtivista.

Segundo Mendonça (2002, p. 203-4), os quadrinhos podem ser explorados como se faz com qualquer outro gênero, levando em consideração seus recursos diversos para seu funcionamento. Em relação as atividades de leitura, a exploração de diversos aspectos de sentido é a base das atividades. Nas atividades de produção pode-se pedir para que os alunos criem histórias em quadrinhos, mas é preciso que se tenha: o que dizer; para que dizer; para quem dizer e como dizer.

As HQs são mecanismos para o processo de ensino e aprendizagem e sua importância em sala de aula é destacada por Márcia Rodrigues de Souza Mendonça (2002). Para a autora o uso dos quadrinhos no ensino é imprescindível para que o professor possa explorar sua constituição e sua produção de sentidos. Com o uso adequado dos quadrinhos o aluno poderá desenvolver sua capacidade de expressão oral e escrita, em diversas situações de comunicação.

O gênero história em quadrinhos abordados pelos autores dos LDPs dão apoio ao trabalho do professor, mas cabe ao professor fazer a ponte entre o material didático de língua portuguesa – ou seja, todo e qualquer texto – e o aluno, e já que se espera que essa ponte leve ao domínio das práticas de linguagem, o primeiro passo é saber se ele tem feito isso a partir da noção de gênero discursivo. Se não for o caso, alternativas precisam ser pensadas, já que trabalhar com textos e desconsiderar as particularidades do gênero “redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. (BAKHTIN, 2003, p. 265). Como sabemos, esse, de modo algum, é um aprendizado significativo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante as observações sobre o gênero história em quadrinhos, constatamos que existem limitações no direcionamento dado ao gênero, principalmente nos aspectos sócio-comunicativos, pois ainda não absorveram completamente as abordagens teóricas-práticas da literatura linguística.

Em relação ao tratamento dado a esse gênero no livro didático, fica evidente que há necessidade de mudanças substanciais na abordagem metodológica. E que o gênero poderia ser trabalhado na escola de forma que leve em conta sua funcionalidade, sua aplicação útil fora do ambiente escolar, possibilitando, assim, situações de ensino que refletissem as circunstâncias reais da comunicação.

O gênero visto como instrumento de interação social dá forma e volume à estrutura, transforma comportamentos em uma dada situação, representa a atividade e a materializa, e é lugar de transformação, de exploração, de enriquecimento de possibilidades. É necessário evidenciar que, nos textos e através deles, os indivíduos produzem, reproduzem ou desafiam práticas sociais. A HQs é uma estratégia construtivista no sentido de que promovem reflexões e construção de significados como resultado da compreensão de diversas situações.

A presença do gênero HQs nos livros didáticos de forma significativa é imprescindível, pois reconhecer e utilizar o recurso da quadrinização como ferramenta pedagógica surge como necessidade em um momento histórico que a imagem e a palavra associam-se para a produção de sentido nos diversos contextos comunicativos.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria L. M; PONTARA, Marcela. *Gramática - Texto: Análise e Construção de Sentido*. Vol. Único - Ensino Médio. São Paulo: Moderna Editora, 2006.

ABAURRE, Maria L; ABAURRE, Maria B. M. *Produção de texto: interlocução e gêneros*. Vol. Único – Ensino Médio. São Paulo: Moderna, 2007.

AMARAL, Emília e *et al. Novas Palavras: língua portuguesa*. Vol. 1, 2 e 3, ensino médio. 2. ed. renov. São Paulo: FTD, 2005.

Bakhtin/Volochinov

BAKHTIN, M./Volochinov, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na ciência da linguagem*. Traduzido por M. Lahud e Y. F. Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. *A estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BIBE LUYTEN, Sonia M. (Org.). *Histórias em Quadrinhos - leitura crítica*. São Paulo: UCBC Paulinas, 1984.

BRASIL. *Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC, 2006.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio*. 2000. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf> Acesso em: 10 mar. 2011.

CALAZANS, F. M. de A. *História em quadrinhos na escola*. São Paulo: Paulus, 2004.

CIRNE, Moacy. *A explosão criativa dos quadrinhos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português: linguagens*. Vol. 1, 2 e 3, Ensino Médio. 5ª. ed. São Paulo: Atual, 2005.

DIONISIO, Angela & BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). (2001) *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte seqüencial*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FARACO, C. E.; MOURA, F. *Português: projetos*. Volume único. São Paulo: Ática, 2005.

FRANZ, Teresinha, Sueli; GENTILE, P. “Para ler e entender videogames”. *Revista Nova Escola*, São Paulo, v.161, abril 2003. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/arte/pratica-pedagogica/ler-entender-videogames-426695.shtml>> Acesso em: 10 mar. 2011.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*. São Paulo: Artes Médicas, 2000.

IANNONE, Leila Rentroia; IANNONE, Roberto Antonio. *O mundo das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Moderna, 1994.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A R.; BEZERRA, M. A. (Org.) *Gêneros textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MENDONÇA, Márcia Regina de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros Textuais e Ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 194-207.

MOYA, Álvaro de. *Historia da historia em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

ROJO, R. H. Modos de transposição dos PCNs às práticas de sala de aula: progressão curricular e projetos. In: ROJO, R. (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: EDUC, 2000.

ROJO, R. & BATISTA, A (Org.). (2003) *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas: Mercado de Letras.

SANTOS, Roberto Elisio. *Aplicações das histórias em quadrinhos*. Artigo nacional: comunicação e educação, São Paulo, p. 46-51, set./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4507/4229>> Acesso em: 18 abr. 2011.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. (1997). Os gêneros escolares: Das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: Schneuwly, B. e Dolz, J. (2004). *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Org.). *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMA, Ângela (Org.). *Como usar histórias em quadrinhos em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2008.